

Capítulo 1

Adivinhar é mais divertido do que saber

As confissões de um viciado em aforismos

SE NÃO FOSSE UM AFORISMO de W. H. Auden, eu talvez nunca tivesse conhecido a minha mulher.

Eu estava no último ano na universidade, estudando uma mistura de poesia, filosofia e literatura, feita ao acaso. Como a faculdade que eu cursava dava ênfase especial à arte dramática, periodicamente eu encenava pequenas apresentações improvisadas, baseadas em coisas que estava escrevendo ou pensando na época. Uma dessas encenações envolvia arrastar cerca de uma dúzia de pedras bastante grandes e pesadas até a sala de refeições, durante o jantar, e empilhá-las em um pequeno monte. Eu ficava de pé em cima do monte, batia de leve com um garfo na borda de um copo até atrair a atenção da sala e lançava da boca um punhado de pedras menores. Em seguida, arrastava as pedras grandes de novo para fora. Hoje isso parece absurdo, mas na época eu achava que estava fazendo uma declaração muito profunda — naquela maneira enigmática e pomposa que só os estudantes universitários conseguem fazer — sobre a obstinação da linguagem, a impossibilidade de jamais realmente dizer o que pretendemos.

Foi em evento semelhante que encontrei pela primeira vez a mulher que se tornaria minha esposa.

Para essa apresentação, porém, a única coisa que levei para a cafeteria foi o próprio mundo — na forma de um globo de mesa de que eu recortara caprichosamente o Círculo Ártico, de modo que o topo da Terra se soltava como a tampa de um pote de biscoitos. Dentro do globo, eu colocara dúzias de tirinhas de papel, cada uma contendo um aforismo — fosse criado por mim mesmo, ou de um escritor famoso. Enquanto perambulava pela sala de refeições, eu abordava as pessoas que comiam e pedia que tirassem uma frase de dentro do globo. O único embaraço: todos tinham de ler o aforismo em voz alta. Só me afastava da mesa depois que eles liam.

Naquela época, eu era um aspirante a aforista, portanto o globo continha o que eu considerava algumas das minhas melhores frases:

Nunca confie em um animal — não importa quantas pernas ele tenha.

Os jovens deviam fazer piqueniques em vulcões ativos.

Há certos erros que apreciamos tanto que estamos sempre desejando repeti-los.

Não há muito espaço para erro em uma casca de ovo.

Pouca gente vive no deserto.

E o meu favorito:

Às vezes, dois peixinhos em um aquário bastam.

Mas o globo também continha muitos aforismos excelentes de alguns dos meus autores favoritos, inclusive este de W. H. Auden:

O conhecimento pode ter as suas finalidades, mas adivinhar é sempre mais divertido do que saber.

Minha futura esposa — com quem nunca me encontrara até então — tirou essa frase do globo e, depois de certa hesitação e embaraço, leu-a em voz alta. Passei então à mesa seguinte e distribuí mais umas duas dúzias de aforismos, antes de terminar a encenação.

No dia seguinte, encontrei uma tirinha de papel na minha caixa de correio. Nela estava escrito:

Em alguns casos, conhecer é muito mais divertido do que adivinhar.

Foi assim. O pedaço de papel, rasgado de uma folha maior, não trazia nome nem outra mensagem. Mas me lembrava de quem escolhera a frase de W. H. Auden e, mais tarde nesse dia, reconheci minha futura esposa no corredor, a caminho da sua sala. Eu estava no patamar, esperando o início da minha aula, e ela estava descendo a escada. Quando ela passou, inclinei-me sobre o parapeito e disse: “Você tem razão. Em alguns casos, conhecer é muito mais divertido do que adivinhar.” Ela ficou um pouco vermelha e continuou andando. Mas naquela noite ela apareceu, sem avisar, na entrada que dava para o meu quarto — e o resto é história.

Os aforismos mudaram a minha vida, e não só porque foi graças a um que conheci minha mulher. Eles têm sido uma inspiração e um fascínio para mim desde mais ou menos os meus 8 anos, quando pela primeira vez topei com a forma na seção “Entre aspas”, das *Seleções do Reader’s Digest*.

Meus pais eram assinantes fiéis da revista e com frequência eu encontrava números atrasados, amarrotados e um pouco úmidos, no chão do banheiro. “Entre aspas” reúne breves declarações inspiradas — em geral, de celebridades, personalidades da televisão ou políticos, mas frequentemente de escritores e às vezes de pessoas comuns — que distribuem conselhos sobre coisas tais como superar a adversidade, lidar com a decepção ou a dor e enfrentar a vida familiar. Este, do conselheiro de televisão dr. Phil McGraw, colhido ao acaso em um número recente da revista, exemplifica o estilo:

Se casar por dinheiro, você ganhará cada centavo.

Eu estava apenas começando a me tornar um leitor sério, assim essas provinhas tinham o tamanho exato para a minha capacidade de atenção pré-adolescente. Naquela época, naturalmente, eu não distinguia um aforismo de um afrodisíaco, mas aquelas frases curtas e insólitas tinham algo que me atraía. Adorava os jogos de palavras, paradoxos e torneios inteligentes. E me espantava como uma declaração tão concisa podia conter tanto sentido. Ler uma citação realmente boa de “Entre aspas” era como olhar em um caleidoscópio. Depois de revirá-la na mente por algum tempo, eu ficava surpreso com a quantidade de significados diferentes que conseguia achar.

As melhores citações eram vigorosas, imponentes, inspiradas e ligeiramente oraculares. E eram engraçadas também, embora os temas de que tratassem frequentemente envolvessem algum tipo de tragédia pessoal. Essas eram realmente palavras a serem seguidas na vida e, quando eu tinha mais ou menos 13 anos, comecei a colecioná-las.

No começo, não ficou imediatamente claro para mim *como* colecionar aforismos. É preciso ou ter uma memória muito boa ou anotar de algum modo as frases ao lê-las. Optei pelo segundo método. Tirei da parede o pôster de George Harrison — aquele de *All things must pass*, em que ele está com um grande chapéu de aba mole e parece muito hirsuto —, virei-o, pendurei-o de novo e comecei a escrever os aforismos na parte de trás. Como colecionador, eu era muito parecido com a pessoa descrita por Nicolas Chamfort, aforista francês do século XVIII:

A maioria dos colecionadores de versos e provérbios age como se estivesse comendo cerejas ou ostras, escolhendo primeiro as melhores e acabando por comer todas.

Meu apetite por aforismos era enorme; assim, quando o pôster de George Harrison ficou cheio, passei para David Bowie e Pink Floyd. A coleção aumentou até os meus 20 e poucos anos, quando tomei gosto por colecionar livros. Mas os pôsteres ainda estão pendurados na parede do meu escritório. O papel está agora amarronzado e com falhas, os cantos rasgados de tanto colar e depois remover fita adesiva. As citações amontoam-se em todos os espaços disponíveis. As anotações mais antigas, escritas em tinta vermelha com a minha letra adolescente, clara mas irregular, estão agora tão desbotadas pelo tempo que mal são legíveis.

Ler esses pôsteres hoje é como viajar no tempo, como folhear um álbum de recortes com instantâneos intelectuais. Cada citação desencadeia uma grande quantidade de lembranças e associações sobre onde eu estava quando a li pela primeira vez, o que pensava e em que acreditava na época, quem estava tentando tornar-me.

O pôster de George Harrison, por exemplo, tem muitos trechos de livros de Ayn Rand, J. D. Salinger, Kurt Vonnegut e Henry David Thoreau. Essa foi a minha fase de forasteiro-eremita quando, como Thoreau, passava longos dias de verão em comunhão com a natureza e meu eu socialmente desajeitado, na minha versão de Walden Pond nos arredores de Filadélfia. Pink Floyd exhibe principalmente William Blake, John Keats, Aldous Huxley, Sylvia Plath e Rainer Maria Rilke, mais uma excelente tirada de Don Staley, meu professor de inglês na escola secundária. Essa foi a minha etapa romântico-solipsista, quando o meu único objetivo era sondar as profundezas das minhas emoções e assaltar as portas obstinadas da percepção. E Bowie tem pesos-pesados como Heidegger, Wittgenstein, Kierkegaard, Nietzsche e o eventual *koan zen* — meu período existencialista-niilista, quando temerariamente acreditei que compreendera o mundo e, para provar isso, encenei exposições filosóficas como lançar da minha boca um punhado de pedras.

Alguns desses aforismos parecem hoje um pouco superficiais. As exortações de Ayn Rand sobre as virtudes do egoísmo, por exemplo, já não me impressionam. Mas outros são ainda tão vigorosos como quando os copiei. Ainda recorro a eles nos momentos de dificuldade, dúvida ou crise. Eles pintam na minha cabeça quando menos espero. E ainda conservam o poder de inspirar e divertir:

Os espelhos fariam bem em refletir um pouco mais antes de devolver imagens.

Jean Cocteau

A vida é como tocar um solo de violino em público e aprender a manejar o instrumento enquanto se toca.

Samuel Butler

Muitas vezes tenho sido obrigado a ficar de joelhos pela absoluta convicção de que não havia outro lugar aonde ir.

Abraham Lincoln

Nunca permiti que a escola interferisse na minha educação.

Mark Twain

O efeito de estudar obras-primas é fazer que eu sinta admiração e faça diferente.

Gerard Manley Hopkins

E esta frase, que se tornou um refrão constante em minha mente, reaparecendo toda manhã enquanto sigo para o trabalho.

A diferença entre a trilha rotineira e a sepultura é a profundidade.

Este aforismo, de uma fonte um tanto improvável — Gerald Burrill, que foi bispo episcopal de Chicago —, incorporou-se ao meu pensamento desde que o rabisquei, há

quase trinta anos, no verso daquele pôster de George Harrison. É uma frase arrepiante — uma advertência clara de que a inércia é inimiga da alegria, que o trabalho entediante cria hábito — e surge de repente na minha mente enquanto faço a peregrinação diária até a estação do metrô.

Quando adolescente, essa frase me atraía porque resumia minha aversão às convenções sociais restritivas, à maneira como meus colegas e eu éramos direcionados, pela Igreja e pela escola, para tipos de vida limitados e profissões desinteressantes. Hoje ela ainda me faz procurar caminhos menos batidos. Enquanto ando até o metrô toda manhã, esse aforismo me lembra que o meu emprego, por mais que seja agradável, frustrante, exaustivo ou estimulante, não é a minha vida, que estradas menos viajadas oferecem as vistas mais deslumbrantes, que mentes abertas atraem surpresas.

Para assegurar que realmente sigo ao pé da letra esse aforismo, costumo variar meu itinerário para o trabalho. Deixo passar minha parada habitual e desço em algum outro lugar; faço um trajeto diferente até o escritório; ou simplesmente ando pelo outro lado da rua — pequenas alterações que me afastam do caminho corriqueiro e mudam o meu ponto de vista. Perspectivas novas podem insinuar-se mesmo nas menores brechas na rotina.

Esse pequeno ritual matinal é um motivo por que adoro aforismos e por que acredito que eles podem mudar a sua vida. Aforismos não são as frases vagas e cordiais encontradas em cartões de saudações. São muito mais abruptos, confrontadores e subversivos. Ninguém se aconchega com um bom livro de aforismos; eles saltam da página e se desdobram dentro da pessoa.

Os aforismos tampouco se destinam a fazer alguém se sentir bem consigo mesmo. Em geral, são céticos e amar-

gos, um antídoto para as panacéias brandas e tenazmente otimistas dos manuais de auto-ajuda e literatura inspiradora. Decididamente, eles não alegram. Em vez disso, os aforismos desempenham uma tarefa muito mais difícil e importante: levam-nos a questionar tudo o que pensamos e fazemos. Os aforismos aplicam o choque agudo e breve de uma velha verdade esquecida. Mantêm a nossa mente em forma levando-nos a nos perguntar, toda manhã, se estamos simplesmente indo para o trabalho ou cavando a própria sepultura.

Os aforismos são estímulos à ação. Não basta apenas ler um e murmurar sensatamente consigo mesmo: “É verdade, é verdade.” Os aforismos levam-no a querer fazer alguma coisa; admirá-los sem colocá-los em prática é como aprender a ler música, mas não se dar o trabalho de tocar um instrumento.

É assim que os aforismos podem mudar a sua vida. Mas como se reconhece um aforismo ao lê-lo? E o que torna um aforismo diferente de outros tipos de enunciação, como adágios, apotegmas, axiomas, chavões, chistes, citações, ditados, epigramas, lemas, lugares-comuns, máximas, parábolas, preceitos, provérbios, tiradas e truísmos?

Ironicamente, para a mais breve forma de literatura do mundo, uma definição compacta do aforismo é impossível. Existem, porém, cinco leis a que um aforismo deve obedecer para ter sucesso. Por estes sinais vós os reconheceréis.

As cinco leis dos aforismos

O filósofo J. S. Mill observou certa vez que existem dois tipos de sabedoria no mundo: “Num, toda época em que a ciência floresce ultrapassa, ou deve ultrapassar, as suas antecessoras; do outro, há praticamente uma quantidade igual

em todas as épocas.” O primeiro tipo de sabedoria é científico. Consiste naquilo que conhecemos sobre o mundo e como ele funciona, e em como aproveitamos esse conhecimento através da tecnologia. Desde a Revolução Industrial, pelo menos, cada época tem ultrapassado os avanços científicos das suas antecessoras com espantosa velocidade.

Mill denomina o segundo tipo “a sabedoria das épocas”, expressão um tanto exaltada para o que coletivamente aprendemos sobre a natureza humana através da experiência de indivíduos ao longo de milhares de anos de história. Esse tipo de conhecimento é assistemático, consiste em fatos psicológicos mais do que em fatos empíricos, e está presente em quantidades mais ou menos iguais em cada período histórico. Assim, o dr. Phil McGraw tem potencialmente à sua disposição quase tanto — ou tão pouco — desse tipo de conhecimento quanto o sábio taoísta Lao Tse, que viveu na China cerca de 600 a.C. “A forma em que esse tipo de sabedoria mais naturalmente se materializa”, conclui Mill, “é a dos aforismos.”

Por que aforismos? Porque eles são exatamente do tamanho certo para conter as percepções rápidas e observações novas que são os dados brutos da sabedoria das épocas. Os aforismos são a bagagem de mão da literatura. Leves e compactos, eles cabem facilmente no compartimento superior do nosso cérebro e incluem tudo de que precisamos para atravessar um dia difícil no escritório ou uma noite melancólica da alma. São, como observou John Morley, escritor do século XIX, “os oráculos orientadores que o homem descobriu para si nessa nossa grande missão de aprender a ser, a fazer, a não contar com nada e a partir”.

Eis, então, as cinco leis pelas quais um aforismo cumpre a sua tarefa oracular.

1. Deve ser breve

Se a brevidade é a alma da inteligência, como observou Shakespeare em um dos seus muitos achados aforísticos, então a concisão é o coração do aforismo. Os aforismos devem agir com rapidez porque se destinam ao uso em emergências. Precisamos mais dos aforismos nos momentos de aflição ou alegria, êxtase ou angústia. E em casos de urgência espiritual ou emocional, a brevidade é a melhor política.

O autor de *The Cloud Unknowing* (A nuvem do desconhecimento), um manual de instrução espiritual escrito por um monge inglês anônimo na segunda metade do século XIV, sabia disso quando aconselhou a seus alunos:

A oração curta penetra no céu.

The Cloud of Unknowing (A nuvem do desconhecimento) foi redigido como uma ajuda à contemplação e está recheado de orientação espiritual segura e advertências afáveis para rapazes que acabavam de ingressar na vida monástica. O livro é composto por 75 capítulos muito curtos, com títulos engraçados e às vezes impenetráveis, como “As três coisas que o iniciante contemplativo deve praticar: ler, pensar e rezar” e “A perspectiva de um homem é prodigiosamente alterada pela experiência espiritual deste nada em seu lugar nenhum”. Cada capítulo é escrito em prosa direta e muito simples, com um tom amigável que ressalta a sabedoria, serenidade e bom humor do autor.

O título do livro refere-se ao nosso conhecimento imperfeito de Deus, mas o autor incentiva os leitores a “dedicarem-se com afinco a essa alta nuvem de desconhecimento” através da meditação e da oração. Entretanto, a linguagem de *The Cloud* geralmente tem os pés fincados na terra e o

livro está cheio de sugestões práticas sobre como os monges devem rezar em silêncio ao longo do dia e como podem descobrir o sagrado nas mais rotineiras tarefas diárias.

O capítulo 37 explica, por meio de uma metáfora inesperadamente comum, por que a concisão está próxima da devoção:

Um homem ou uma mulher, repentinamente apavorado por fogo, ou morte, ou o que for, é repentinamente, nesse transe do espírito, levado precipitada e forçosamente a gritar ou pedir ajuda. E como ele faz isso? Certamente, não com uma torrente de palavras; nem mesmo com uma única palavra de duas sílabas! Por quê? Ele acha que isso leva tempo demais para anunciar sua necessidade urgente e sua agitação. Assim, ele explode em seu terror com uma pequena palavra, e essa de uma só sílaba: “Fogo!”, talvez seja, ou: “Socorro!”* Exatamente como essa pequena palavra desperta e atravessa os ouvidos daqueles que ouvem, assim também faz uma pequena palavra de uma sílaba, quando não é apenas pronunciada ou pensada, mas exprime igualmente a intenção no fundo do nosso espírito.

Aforistas são pessoas que vivenciaram um “transe do espírito” e os aforismos são lidos por pessoas na mesma situação difícil. Eles são sucintos e objetivos porque a sua mensagem é urgente. Não há tempo a perder.

Um aforismo pode se estender de algumas palavras a algumas frases. Os franceses chamam o primeiro tipo *aperçu*,

* No original, respectivamente, “*Fire!*” e “*Help!*”. (N. da T.)

uma percepção rápida e abrangente, e o segundo tipo *pensée*, um fio de pensamento mais longo e descansado. Mas só um doido faz um discurso numa casa que esteja pegando fogo. Por isso o autor de *The Cloud Unknowing* reitera ao máximo sua intenção com frases tão curtas e fortes. Quando nos achamos numa situação extrema, os aforismos nos dizem tudo o que precisamos saber. O resto é apenas ornamentação.

2. Deve ser definitivo

Em *Vida de Samuel Johnson*, James Boswell descreve o grande lexicógrafo inglês como “um homem de aparência extremamente horrível (...). Ele se veste com muito desleixo e fala com uma voz extremamente rude (...). Tem um humor excelente e é um homem digno. Mas a rispidez dogmática de suas maneiras é desagradável.” O que Boswell deixa de mencionar, porém, é que um pequeno dogmatismo não é ruim quando se está compilando um dicionário, como Johnson esteve fazendo de 1746 a 1755.

Johnson estava plenamente convencido das suas opiniões e não hesitava em declará-las, qualidades essenciais tanto para o lexicógrafo quanto para o aforista. Afinal, uma definição — como um aforismo — deve ser, bem, definitiva. De fato, o próprio termo é derivado das palavras gregas *apo* (de onde, origem) e *horos* (fronteira ou horizonte); portanto, um aforismo é algo que delimita ou separa — ou seja, uma definição.

Os aforismos e as definições afirmam em vez de discutir, proclamam em vez de persuadir, declaram em vez de sugerir. O mais famoso aforismo de Johnson —

O patriotismo é o último refúgio de um canalha.

— seria bem menos provocante se ele o tivesse formulado com toda espécie de restrições e abrandamentos.

É claro que os aforismos não são necessariamente 100% verdadeiros — Ambrose Bierce, a versão do século XX de Johnson, sustenta, por exemplo, que o patriotismo é o *primeiro* refúgio do canalha —; no entanto, eles exigem aceitação devido ao estilo positivo em que são expressos. O ensaísta inglês William Hazlitt mostrou isso bem quando escreveu sobre aforismos: “Há um estímulo peculiar (...) neste modo de escrever. Um pensamento deve causar impressão imediata, ou não causa nada.”

Como devem causar impressão imediata, os aforismos freqüentemente tomam a forma de definições — *x é y*. Não há deliberação ou debate, nem indícios comprovadores. Devemos literalmente confiar na palavra do aforista. Em geral, isso é bastante fácil porque essas palavras são tão lúcidas que impõem a própria convicção. A respeito de ninguém isso é mais verdadeiro do que do próprio Johnson, cujos aforismos poderiam ter facilmente servido como verbetes no seu dicionário da língua inglesa. Eis duas das suas declarações menos otimistas:

A vida é uma pílula que nenhum de nós pode suportar engolir sem dourar.

Construir é ser roubado.

Johnson definiu o lexicógrafo como “um autor de dicionários, um labutador inofensivo”. Mas os aforistas estão longe de ser inofensivos. Eles são encenqueiros e iconoclastas, dogmatistas cuja autoridade majestosa exige aprovação. São, por definição, revolucionários que consideram suas verdades evidentes por si mesmas.

3. Deve ser pessoal

Em 1955, Alfred Kessler, médico e compilador das obras de G. K. Chesterton, estava escarafunchando um sebo em San Francisco quando topou com um exemplar de *Platitudes in the Making* (Platitudes em gestação), de Holbrook Jackson. Crítico literário e contemporâneo de Chesterton, Jackson publicou em 1911, como edição particular, esse pequeno livro de máximas. Entretanto, ao folhear o volume fino, Kessler percebeu que esse não era um exemplar comum de *Platitudes*. Rabiscada com lápis verde vivo sob cada uma das máximas de Jackson, havia uma resposta escrita à mão: ou um endosso da idéia contida na frase, ou, com maior frequência, uma enfática rejeição acompanhada de um aforismo alternativo. Por exemplo, anotada sob a máxima de Jackson

Aquele que raciocina está perdido.

havia a réplica maliciosa

Aquele que nunca raciocina não merece achar.

Kessler reconheceu a letra e, voltando ao início do livro, surpreendeu-se ao ler a seguinte dedicatória: “Para G. K. Chesterton, com a estima de Holbrook Jackson.” Kessler tinha nas mãos o exemplar particular de Chesterton de *Platitudes in the Making* e os rabiscos exaltados, em lápis verde, eram as refutações de Chesterton aos aforismos de Jackson. Kessler fizera por acaso a descoberta mais importante da sua carreira de compilador e recuperara, para os fãs de Chesterton, algumas das frases mais incisivas do grande autor inglês.

Quem nunca tivesse lido uma linha de Jackson ou de Chesterton — o primeiro hoje bastante esquecido, e o segundo mais lembrado por sua série de novelas policiais sobre o padre Brown —, e ouvisse *Platitudes* apresentado em voz alta, adivinharia com facilidade qual o autor de cada aforismo. Jackson imaginava-se um romântico moderno, um filósofo ateu influenciado por Nietzsche, por isso suas frases estão recheadas de desdém pelas convenções e de elogio à natureza irracional e impulsiva do homem. Bem típico do trabalho de Jackson é:

Não pense — faça.

Já Chesterton era um racionalista católico sincero, assim como um socialista empenhado e um ambientalista muito antes de isso ser uma profissão da moda. Ele realmente acreditava em Deus e no triunfo do homem sobre os instintos mais ignóbeis através da razão e da moralidade. Assim, sua resposta é também um resumo bastante preciso da sua filosofia:

Pense! Faça!

É esse caráter pessoal que dá aos aforismos o poder de fascinar e enfiar. Um aforismo nos leva para dentro da cabeça da pessoa que o escreveu ou disse. “O pensamento (...) deve trazer a marca da mente que o concebe”, como o crítico e viciado em aforismos Logan Pearsall Smith escreveu na introdução de sua antologia de máximas inglesas, de 1947.

Os aforismos não são generalizações brandas sobre a vida, o universo e tudo o mais. São declarações profundamente pessoais e idiossincráticas, tão únicas para um indivíduo quanto um componente do seu DNA. É isso que os

distingue dos provérbios, por exemplo, que são na verdade aforismos batidos, cuja identidade do autor original se perdeu com o uso repetido.

O toque pessoal é importante porque os aforismos não são fragmentos de um texto de aprimoramento destinado ao consumo passivo. Eles são declarações provocadoras que exigem uma reação: ou o reconhecimento de uma percepção compartilhada — o que Alexander Pope descreveu como algo que “muitas vezes era pensado, mas nunca tão bem expresso” —, ou uma rejeição e réplica. Como o episódio de Jackson e Chesterton mostra, os aforismos são encontros íntimos entre duas mentes. Se eles não lhe causam um pequeno choque, alguma coisa não está certa.

Francis Bacon, o escritor, político e cientista inglês, adorava aforismos exatamente por causa dessa capacidade de abalar idéias preconcebidas. A afeição pela fórmula foi herdada do pai, que mandava gravar citações dos clássicos nas colunas da propriedade da família em Gorhambury, perto de St. Albans, ao norte de Londres. O jovem Bacon recomendava o uso de aforismos porque eles despertam a curiosidade em vez de satisfazê-la, provocam mais pensamento em vez de impedi-lo: “Os aforismos, por representarem um conhecimento fragmentado, convidam realmente os homens a indagar mais.”

Os aforismos são como aceleradores de partículas para a mente. Quando partículas de alta energia, como elétrons e pósitrons, se chocam dentro de um acelerador, novas partículas são criadas enquanto a energia da colisão se converte em matéria. A matéria recém-formada sai do choque girando em velocidades incrivelmente altas e se desintegra de novo, dentro de cerca de um milionésimo de um bilionésimo de um bilionésimo de segundo. Tentar rastrear as partículas

nesse bigue-bangue em miniatura é como soprar um palheiro e tentar avistar uma agulha enquanto as hastes secas passam voando. Dentro de um aforismo, são mentes que se chocam e a matéria nova que sai girando na velocidade do pensamento é aquela coisa indefinível que chamamos sabedoria. Ou se fica de olhos bem abertos ou não se perceberá.

4. Deve ter uma guinada

Fora da França, François-Auguste-René de Chateaubriand — escritor, aventureiro, amante, político — é provavelmente mais lembrado pelo prato a que o *gourmand* do século XVIII Anthelme Brillat-Savarin deu o seu nome. O bife à Chateaubriand, servido com cogumelos e molho *béarnaise*, ainda é uma refeição comum em muitos bistrôs parisienses.

Mas na sua época Chateaubriand era a resposta da França a lorde Byron. Como a de seu exuberante equivalente britânico, a vida de Chateaubriand foi tão famosa quanto a sua arte. Nascido na Bretanha em 1768, ele fugiu do caos que se seguiu à Revolução e foi para os Estados Unidos, onde viajou pelo Meio-Oeste e voltou à natureza — ao estilo do século XVIII. Influenciado pelo ideal do “bom selvagem” de Jean-Jacques Rousseau, Chateaubriand se especializou em descrições exóticas do mundo físico e encontros fictícios com indígenas americanos. A seus romances mais conhecidos, *Atala* e *René*, narrativas melancólicas de amores trágicos, atribui-se a difusão do Romantismo na França. Chateaubriand fez também uma longa carreira no governo, servindo como secretário da embaixada em Roma, embaixador em Londres e, por fim, ministro das Relações Exteriores.

Como aforista, Chateaubriand tinha um jeito excepcional para construir uma frase. Os aforismos atingem o im-

pacto máximo por meio do paradoxo e de inversões repentinas de sentido. Ler um bom aforismo é como assistir a um truque de magia: primeiro vem a surpresa, depois vem o encantamento, depois começamos a nos perguntar como o mágico fez aquilo. Chateaubriand fazia isso com seu domínio da pirueta verbal, como neste comentário sobre o que torna um autor excelente:

Um escritor original não é aquele que não imita ninguém, mas aquele que ninguém consegue imitar.

Todos os aforismos de Chateaubriand têm esse tipo de construção silogística. Ele arma uma equação aparentemente simples e, quando achamos que deduzimos a resposta, ele introduz exatamente a conclusão oposta. Em vez de uma aprovação exaltada do amor romântico, recebemos uma avaliação fria da nossa tendência para o auto-engano:

Se que o coração conserva o desejo, a mente conserva a ilusão.

Às vezes, temos de andar depressa para acompanhar os torneios de Chateaubriand. O aforismo seguinte me aborreceu na primeira leitura, principalmente porque de início achei que significava algo bastante trivial, como a paixão esfria com a convivência:

O amor decresce quando deixa de crescer.

Por que se dar o trabalho de escrever um aforismo sobre isso, pensei eu. É óbvio demais. Mas eu o li de novo, e de

novo, e por fim entendi. O que Chateaubriand está na verdade dizendo é que, se não nos apaixonarmos constantemente pela pessoa amada, então já estamos começando a nos desencantar com o seu amor.

Como uma boa piada, um bom aforismo tem uma parte final significativa, uma rápida mudança verbal ou psicológica, uma repentina ferroadada na conclusão que causa surpresa. Tanto as piadas quanto os aforismos erguem a pessoa até um maravilhoso estado de gravidade nula — aquele ponto vertiginoso assim que a piada termina e pouco antes de ser entendida —, em seguida abruptamente a deixam cair de volta no chão, em um lugar completamente inesperado. Os aforismos, como as piadas, ensinam a mente a dar a guinada.

5. Deve ser filosófico

Friedrich von Schlegel praticava o método de composição filosófica por combustão espontânea. Em contraste com pensadores anteriores, como Descartes e Spinoza, que criaram sistemas complicados e meticulosamente demonstrados, Schlegel gostava de publicar seus pensamentos em estado bruto, na forma em que eles primeiro lhe ocorriam: como aforismos.

Schlegel rabiscava suas meditações em um caderno de notas e as imprimia no *Athenäum*, o jornal literário que fundou em 1798 com o irmão, August Wilhelm. Como Bacon, ele acreditava que esse tipo de filosofia fragmentada refletia com maior exatidão a natureza mutável e aleatória do pensamento — e a experiência da própria vida. Os aforismos, dizia ele, são a “verdadeira forma da Filosofia Universal” e continham “a maior quantidade de pensamento no menor espaço”.

Nascido em Hanôver em 1772, Schlegel foi um dos primeiros profetas do movimento romântico na literatura. Quando adolescente, ele foi colocado como aprendiz junto a um banqueiro em Leipzig, mas não conseguiu limitar a mente às rígidas colunas de crédito e débito das finanças. Então se dedicou ao estudo de literatura, filologia comparada e antiguidade grega. Segundo ele, a filosofia consistia em uma série de saltos imaginativos em vez de uma seqüência de passos lógicos e tediosos; pensar, de acordo com ele, era uma busca contínua, não uma atividade que parava quando ele chegasse à “verdade”:

Só é possível se tornar um filósofo, não ser um filósofo. Assim que alguém pensa ser um filósofo, ele pára de se tornar um filósofo.

Os aforismos são sinalizações ao longo do caminho para se tornar um filósofo. É uma viagem que todos nós temos de fazer. Alguns seguem com prazer; alguns seguem imprudentemente; alguns seguem com o piloto automático. Ninguém recebe um mapa. É a mais antiga jornada conhecida — do nascimento para a morte, de si mesmo para o mundo, do conhecido para o desconhecido —, mas cada um de nós a faz de outro modo e totalmente sozinho. Os aforismos nos reafirmam que alguém passou por ali antes. Eles insistem para prosseguirmos no caminho, para evitarmos as trilhas rotineiras.

Os aforismos não são, contudo, atalhos metafísicos. Como diz Schlegel, é a viagem que importa; a destinação talvez nem mesmo exista. Eles tampouco são Cliff's Notes* sobre o drama da vida humana, mas peças de um mosaico gran-

* Resumos de livros clássicos muito utilizados por alunos de colégios e faculdades norte-americanas. (N. da E.)

dioso, fragmentos da imagem maior que estamos sempre nos esforçando para ver de relance. Schlegel descreveu-os assim:

Um fragmento, como uma obra de arte em miniatura, tem de estar inteiramente isolado do mundo circundante e ser completo em si mesmo como um porco-espinho.

Os aforismos são solitários da literatura, separados do mundo porque são mundos para si mesmos. São como porcos-espinhos, eriçados com afiados espinhos filosóficos. Quem mexer com eles vai ter uma surpresa.

Um exemplo perfeito das cinco leis do aforismo em ação pode ser visto em Old Manse, em Concord, Massachusetts. No meio do século XIX, Old Manse foi o lar de dois dos mais ilustres escritores dos Estados Unidos. Ralph Waldo Emerson foi seu proprietário primeiro e escreveu seu influente ensaio “*Nature*” no escritório do andar de cima. Depois chegaram Nathaniel Hawthorne e sua mulher, Sophia. Hawthorne escreveu alguns dos seus contos no antigo escritório de Emerson, e Sophia, uma pintora, costumava gravar pequenas frases nas vidraças da casa, com seu anel de diamante. Duas dessas inscrições ainda existem.

Na sala de jantar do térreo, Sophia anotou que sua tela *Endymion* foi terminada ali, em janeiro de 1844. Um ano depois, logo abaixo dessa inscrição, ela registrou este momento íntimo com sua filhinha: “Una Hawthorne ficou de pé no peitoril desta janela em 22 de janeiro de 1845, enquanto as árvores eram candelabros de vidro — um belo espetáculo de que ela gostou muito, apesar de só ter 10 meses de idade.”

Em uma vidraça do andar superior, no escritório de Hawthorne, Sophia escreveu:

Os acasos do homem são desígnios de Deus, 1843.

Ninguém sabe o que levou Sophia Hawthorne a gravar essa frase na vidraça. Alguns estudiosos aventaram que a inscrição talvez se referisse a um aborto que ela sofrera naquele ano, depois de escorregar em um pedaço de gelo. Em suas palavras há um sentido de desgosto e resignação, mas também de energia e firmeza. Não se pede nem se oferece uma resposta fácil, apenas uma aceitação seca dos acontecimentos e uma decisão de suportá-los ou superá-los.

A nossa necessidade de palavras de sabedoria como esta é antiga, tão velha quanto a própria “sabedoria das épocas”, por isso o aforismo é a mais antiga forma de arte escrita do planeta. Os chineses se ocupavam dele há mais de 5 mil anos; os filósofos gregos antigos, os autores do Antigo Testamento, Buda, Jesus e Maomé foram também praticantes iniciados. Esta história, narrada através das vidas e aforismos de alguns dos mais importantes praticantes da fórmula (esta é uma história *breve*, portanto muitos aforistas admiráveis foram lamentavelmente excluídos), mostra que o aforismo ainda está vivo e adequado como sempre. Mesmo na nossa época moderna de cultura superficial, chamadas soporíferas e sentimentos fabricados, os aforismos retêm seu poder de instigar e inspirar, esclarecer e enfiar, divertir e instruir.

Sophia Hawthorne sabia disso enquanto ficava à janela, olhando as árvores forradas de gelo, olhando através das letras claras e finas que gravava no vidro. Os aforismos são frases incisivas e refinadas que, nos momentos sombrios e na luz, nos ajudam a ver o mundo de modo mais inteligente.